



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS- CCSA  
CURSO DE BACHARELADO EM JORNALISMO**

**FERNANDA IZABEL NUNES CASTRO  
JHESSYKA TORRES PEREIRA**

**EXCLUÍDOS DA MARGEM**  
**Uma reflexão sobre Jornalismo e seu papel social no âmbito da  
mendicância na cidade de Campina Grande-PB**

CAMPINA GRANDE-PB  
DEZEMBRO 2011

**FERNANDA IZABEL NUNES CASTRO  
JHESSYKA TORRES PEREIRA**

## **EXCLUÍDOS DA MARGEM**

**Uma reflexão sobre Jornalismo e seu papel social no âmbito da mendicância na cidade de Campina Grande-PB**

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC apresentado ao Departamento de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> Gisele Maria Sampaio de Araújo

CAMPINA GRANDE-PB  
DEZEMBRO 2011

C355e Castro, Fernanda Izabel Nunes.  
Excluídos da margem: uma reflexão sobre jornalismo e seu papel social no âmbito da mendicância na cidade de Campina Grande - PB. [manuscrito]/ Fernanda Izabel Nunes Castro, Jhessyka Torres Pereira. – 2011.  
25.; il. Color.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2011.  
“Orientação: Profa. Msc. Giseli Maria Sampaio de Araújo, Departamento de Comunicação Social”.

1. Exclusão Social. 2. Jornalismo. 3. Sociedade. I.  
Título.

FERNANDA IZABEL NUNES CASTRO  
JHESSYKA TORRES PEREIRA

## EXCLUÍDOS DA MARGEM

Uma reflexão sobre Jornalismo e seu papel social no âmbito da mendicância na cidade de Campina Grande-PB.

NOTA  
10,0

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC apresentado ao Departamento de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Aprovadas em: 01/12/2011

Gisele Maria Sampaio de Araújo  
Prof.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> Gisele Maria Sampaio de Araújo  
Orientadora

Maria de Fátima Cavalcante Luna  
Prof.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> Maria de Fátima Cavalcante Luna  
Examinadora

Orlando Ângelo da Silva  
Prof. M.<sup>e</sup> Orlando Ângelo da Silva  
Examinador

***“Os meios de comunicação serão aquilo que o ser humano fizer deles.”***  
**Antônio F. Costella**

## AGRADECIMENTOS

### *À Deus pelo Dom Gratuito da vida!*

*Por sua graça e misericórdia manifestada em mim, por seu imenso amor que me atraiu e me alcançou e por sua fidelidade que a cada dia se torna algo realmente incomparável.*

### *Aos Meus Pais,*

*Pelo cuidado, incentivo e empenho aos longos dos últimos 25 anos.  
Em especial, a minha mãe Valéria Torres Pereira "Por toda a minha vida eu vou te amar!".  
Obrigada por sua garra, coragem, seu carinho, e por seus conselhos (principalmente os que me fazem enxergar quando piso(ei) na bola). Por nunca desistir de mim, sempre me apoiando e fazendo de tudo para que os meus sonhos se transformem em realidade. Diante de tudo o que você representa, só poderia te dizer: Definitivamente, SAWABONA!!!*

### *Ao meu Irmão,*

*Por nossa cumplicidade. Sorrisos, lágrimas, conquistas, atritos, passeios e conversas no carro madrugada à dentro fazem parte dos grandes momentos de nossas vidas.*

### *Às minhas amigas,*

*Aqui quero ressaltar duas pessoas incríveis:*

#### **Allana Anjos Coutinho**

*Amore,*

*Obrigada por ter escrito um capítulo importante na história da minha vida;  
Por ser minha cúmplice; terapeuta, motorista e patrocinadora oficial de lanches;  
Por se meter na minha vida e deixar eu se meter na tua;  
Pelas brigas que nunca nos deixa com raiva uma da outra;  
Por ser sempre a portadora de "boas" notícias (que graças a Deus eu nem me importo mais!!!)  
Por ter acolhido minhas lágrimas e suportado a minha frescura;  
E principalmente... Por me dar a honra de chamá-la de AMIGA.*

#### **Fernanda Isabel Nunes Castro**

*Minha Perfeita parceria em todo este tempo.  
Com você dividi não apenas um espaço físico que é a sala de aula; fomos muito além. Amigas mais próximas que irmãs é o que nos tornamos.  
Sorrisos, choramos, brigamos, reconciliamos, aprendemos a respeitar o limite do outro, e estudamos, aliás, como estudamos. Provas, conversas, trabalhos, cinema, reportagens, almoços, entrevistas, aulas, fotos, "viagens" e compras são alguns dos ingredientes que deram cor e sabor em nossas vidas. Algo realmente IMPOSSÍVEL de ESQUECER*

*Obrigada por sua companhia;*

*Obrigada por sua cumplicidade;*

*Obrigada pelo apoio;*

*Obrigada pela torcida;*

*Obrigada por ter colorido a minha vida!*

***Aos companheiros de curso,***

*Pelos últimos quatro anos de convivência e aprendizado, com vocês cresci, superei obstáculos, compartilhei vitórias, dividi conhecimento, aprendi a enxergar e respeitar pontos de vista diferentes, Obrigada por tudo isso!*

***Aos Professores do Departamento de comunicação,***  
*Pelo empenho de investir no potencial de cada aluno.*

***AProf<sup>a</sup> Gisele Sampaio,***

*Por ter acreditado neste projeto e aceitado este desafio.*

***Aos entrevistados nesta pesquisa,***

*Sem a participação de vocês, esse trabalho não seria possível.*

***Jhessyka Torres Pereira.***

*São tantas as batalhas, desafios, dúvidas, cobranças, e nada mais precioso que terminar um projeto, fechar um ciclo, avançar de fase. O melhor disso é que em nenhum momento você está sozinho, principalmente quando perguntam: “E o projeto?”. Brincadeira à parte gostaria de expressar meus sinceros agradecimentos a todos que contribuíram até este momento. Obrigada ao meu grande amigo lá de cima, presença constante e força interior. À minha família, melhor do mundo, pelo amor, preocupação, confiança e paciência. Meus queridos amigos, de perto e de longe, em especial a minha amiga-gêmea Jhessyka Torres, por ter aceitado remar comigo e não abandonar o barco. Foi uma parceria incrível do começo ao fim. A vocês, meu muito obrigada. Por fim, agradeço a todos que participaram direta e indiretamente deste trabalho. Até a próxima!*

***Fernanda Castro***

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b> .....	<b>8</b>
<b>ABSTRACT</b> .....	<b>9</b>
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
<b>1. PERCURSO METODOLÓGICO</b> .....	<b>12</b>
1.1. O vídeo-documentário: um olhar para o mundo .....	12
1.2. O homem e a necessidade de se comunicar .....	14
1.3. Jornalismo: uma via de mão dupla .....	15
1.4. O Documentário .....	17
<b>2. ETAPAS DE ELABORAÇÃO DO DOCUMENTÁRIO</b> .....	<b>19</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>21</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>22</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>23</b>

## RESUMO

O trabalho proposto a seguir é composto além das prerrogativas descritas ao longo do relatório de um vídeo que aborda a temática da supressão social, resultado de uma reflexão acerca das atribuições jornalísticas em detrimento do tema.

O vídeo enfoca a problemática dos moradores de rua na cidade de Campina Grande-PB e tem aproximadamente 18 minutos. Seu conteúdo relata a apuração realizada na cidade sobre a excludente condição de vida dessas pessoas, além de entrevistas e depoimentos da população e suas respectivas opiniões sobre o assunto.

A tarefa surgiu em anos anteriores, mais precisamente no ano de 2007 e por alguns percalços não foi possível executá-la da forma inicialmente planejada. Não abrindo mão do que foi idealizado, por acreditarmos no projeto (originário em uma das disciplinas pagas no curso- estágio supervisionado III), adaptamos o que seria apenas mais um trabalho descritivo comum (ampliando as perspectivas discursivas) no que hoje finalmente está concretizado, apresenta-se como forma de reflexão dessa questão.

**Palavras-Chave:** Exclusão Social; Jornalismo; Sociedade.

## **ABSTRACT**

The proposed work comprises the following addition to the rights described throughout the report of a video that addresses the issue of social withdrawal, a result of reflection about the journalistic duties to the detriment of the topic.

The video is about 18 minutes to view is contained within the report of the verification conducted in Campina Grande-PB on the exclusive condition of life of beggars, as well as interviews and testimonials from people and their opinions.

The task appeared in previous years, more precisely in 2007 and some mishaps could not run it in the way originally planned. Not letting go of what was planned, because we believe in the project (originated in one of the disciplines in the paid-supervised training course III), which adapted the work would just be a common descriptive (enhancing the prospects discursive) in which I finally realized, we present to you as a result.

**Keywords:** Social Exclusion; Journalism; Society.

## INTRODUÇÃO

De forma geral, entende-se que o jornalismo é uma atividade profissional que cuida da apuração, processamento e divulgação periódica das informações; essas, por sua vez, são apresentadas à coletividade com a finalidade de mostrar, esclarecer, conscientizar, mobilizar, dialogar, enfim debater com a sociedade sobre os principais fatos cotidianos.

A atividade jornalística, destarte, prima por essa interação social que se dá por meio da abordagem dos assuntos que regem a vida em comum dos indivíduos. Os assuntos são amplos: saúde, segurança, educação e política, para citar alguns.

Visto dessa maneira, logo percebemos que ao noticiar algo, os jornalistas lidam com um de seus principais desafios: o despertar da consciência coletiva. E por meio da veiculação buscam-se soluções que eliminem ou ao menos amenizem as mazelas que diariamente afloram em nosso meio.

Assim sendo, as notícias surgem como reflexo da realidade social tendo um aspecto diferente: se faz presente não somente para apontar, mas para se fazer pensar e nessa finalidade propomos com este trabalho, que em tema aborda a exclusão social retratando como vivem os moradores de rua na cidade de Campina Grande-PB, abrir um elo de discussão que deseja despertar a sociedade para os problemas de responsabilidade coletiva.

Começamos com a coleta dos dados, conversamos com alguns moradores de rua na cidade para compreender quais os motivos que levam essas pessoas ao atual estágio de dependência de solidariedade humana. Nesse intervalo, conhecemos alguns lugares onde essas pessoas podem buscar refúgio e até que ponto. Como não poderia deixar de ser, procuramos também representantes do poder público para saber que medidas estão sendo adotadas a fim de amenizar tal situação.

O trabalho exposto nas páginas seguintes, portanto, é uma tentativa de diálogo direto e demonstração que o jornalismo, ao passo que trata de eventos como o do tema escolhido, pode sim contribuir para a melhoria de vida do cidadão comum. A essa contribuição chamamos aqui de função social do jornalismo.

Se for então possível resumir, nossos objetivos ficam detalhados nos seguintes aspectos:

- Demonstrar que o jornalismo pode ser uma importante ferramenta de combate à exclusão social;
- Defender que a função da imprensa na sociedade não se limita apenas a divulgar os fatos do cotidiano;
- Observar a realidade em um âmbito mais extenso: o do social;

- Suscitar a discussão e reflexão em torno do tema.

Cientes da complexidade do assunto aqui tratado, ressaltamos que este é apenas um primeiro olhar a respeito do tema, portanto outros trabalhos poderão surgir e alargar esse debate. Fica então a critério dos que assim desejarem.

## 1. PERCURSO METODOLÓGICO

### 1.1. O vídeo-documentário: um olhar para o mundo

Em uma sociedade movida a rótulos e acepções, é quase inviável se pensar sobre conceitos ainda indefinidos. A julgar pelo tempo a que o estilo documentário figura no *hall* dos gêneros cinematográficos, é curioso perceber como diversos autores se despem de um único conceito fixo, deixando-o em aberto, ou provocando uma polêmica de controvérsias.

As fronteiras do documentário compõem um horizonte de difícil definição. A qualificação de uma narrativa como documentária, até bem pouco tempo, era negada por parcela de nossos críticos, seguindo algumas formulações próprias à semiologia dos anos 1960. A falta de conceitos específicos provocou dificuldades no desenvolvimento de ferramentas analíticas comprometendo o horizonte da produção não ficcional (RAMOS, 2008, p.21).

Não só o gênero em si sofre com imprecisões em seu estudo, como é com a aproximação com a narrativa de ficção que o documentário esbarra. Os dois mantêm limites estreitos em suas características, quando não invisíveis. De acordo com o julgamento que o site Wikipédia propõe, ambos se comportam como agentes subjetivos e parciais da realidade. A título de exemplo, notemos a similaridade que o primeiro filme exibido publicamente (culminando no surgimento do cinema) assume com o esboço da enciclopédia eletrônica. Retratando fatos do cotidiano, os irmãos Lumière apresentaram à sociedade parisiense, em 1895, o que seriam *courtsdocumentaires, desmoments de laviecourantecapturéssurfilm, commeuntrainentanten gare*<sup>1</sup>.

Para fechar a discussão a respeito do cinema de ficção, precisamos a ótica apartadora estabelecida por Nichols (2005) sobre os personagens que compõem os dois gêneros. Nos filmes de ficção, as pessoas envolvidas simbolizam o típico papel do ator. O ator que decora e segue um roteiro em cena e que o faz mediante um contrato. No caso dos filmes de não-ficção, a naturalidade do comportamento e a espontaneidade da personalidade regem a pretensão do diretor, que não procura o artista ensaiado, mas o *ator social*, que age da mesma forma quando da ausência de câmeras.

O fazer documentário, portanto, se põe em paralelo com o real. O seu propósito está ligado diretamente à proeminência do mundo histórico. Isso parte de uma percepção individual, permeia toda a construção narrativa e cognitiva do

---

<sup>1</sup> Disponível em: <http://fr.wikipedia.org/wiki/Documentaire>

trabalho até chegar ao produto final. Metodologicamente, encontramos seis espécies de vídeo-documentário, entendidas segundo aspectos distintos. Atuam como modos de representação, conforme Nichols (2005) determina. São eles: poético, expositivo, participativo, observativo, reflexivo e performático.

O modo poético dá importância à subjetividade e estética, as impressões do documentarista são evidenciadas e o texto traz um delineamento poético. Em contrapartida, o modo expositivo se preocupa com os argumentos, fazendo predominar a objetividade em detrimento da estética. O modo participativo, por sua vez, apresenta o sujeito ativo no processo de gravação, que provoca o entrevistado para que fale. No modo observativo, não se nota interferência do documentarista ou da equipe, a captação do real é feita com pouco movimento de câmera, trilha sonora quase inexistente e não há narração. Já o modo reflexivo explicita procedimentos da filmagem, como a relação entre o grupo filmado e o documentarista. Por fim, o modo performático agrega a sua técnica a subjetividade e padrões estéticos de forma livre, a exemplo do cinema experimental.

Partindo para a abordagem jornalística, tem-se novamente uma polêmica, dessa vez quanto às nuances que separam documentário e vídeo-reportagem. Como principais tópicos de distinção apontamos a abordagem, o formato e a produção.

Em relação à abordagem do conteúdo os *dois modelos de produção (...) têm como principal objetivo contar uma história, aliás, segundo alguns autores, esta é a premissa básica da reportagem no telejornalismo: contar uma história com começo, meio e fim* (Oliveira; Carmo-Roldão; Bazi, 2005). Os dois também abraçam a proposta de se aprofundarem no tema tratado esmiuçando causas e efeitos. O que vai relegá-los a direções contrárias é o fator tempo que na vídeo-reportagem se limita muito mais que em um documentário.

Mais um elemento colidente sugere que na vídeo-reportagem a linha editorial da empresa prevaleça sob a ambição pessoal do repórter que desde a reunião de pauta tem definidas suas diretrizes de ação. Diferente do documentário que, desprendido desse vínculo, ganha qualidade autoral.

Causador de outra peculiaridade entre vídeo-reportagem e documentário está o foco que os dois modos de produção abordam,

o primeiro se preocupa mais em responder a todas as perguntas feitas a partir de um roteiro ou de uma pauta e se propõe a deixar o telespectador totalmente "satisfeito". O segundo tem como premissa levantar questionamentos, inquietações que possam servir para reflexão posterior do espectador, que também poderá ser um telespectador (2005, p. 14).

O formato, por conseguinte, está amarrado aos recursos lingüísticos que o realizador introduz em seu trabalho e isso retoma a ideia de Nichols sobre os modos

de representação. Acerca do formato, também podese evidenciadoa presença de elementos tradicionais que compõem a estrutura e correspondem às duas modalidades, tais como o *off* (texto) e sonora (entrevistas). Para a vídeo-reportagem cabe ainda a passagem do repórter.

No tocante a produção, o roteiro é quem abaliza o discurso a ser focado no documentário. Fator decisivo nesta etapa de planejamento é a delimitação do tema e do público-alvo, visto que é importante definir o que contar e para quem contar. A vídeo-reportagem, no entanto, se desenvolve sem qualquer âncora, no decorrer da apuração e está sujeita a mudanças de direcionamento. Digamos que num primeiro olhar, a vídeo-reportagem serve como o contato inicial para chegar até o público.

A realidade brasileira inspira os meios de comunicação de massa a serem os determinantes de costumes e valores. Num contexto de grande analfabetismo e desigualdade social, a televisão apresenta os assuntos importantes a serem tratados com a população, de forma a representar sua única referência de conhecimento do mundo. O documentário amplia esse alcance, alarga as possibilidades de produção e incrementa novas perspectivas.

Embasado nessa linha de pensamento, Nichols explica que

O vídeo e o filme documentários (...) avançam em relação a todo o trabalho que foi feito antes, abordando questões, examinando situações, envolvendo os espectadores de formas as quais continuarão a instruir e agradar, comover e convencer. Sua história pertence ao futuro e aos esforços que ainda estão por vir e que ampliarão a tradição existente enquanto se esforçam para levar a cabo o mundo que ainda temos que construir (2005, p. 209).

Acreditando nessa asserção e na maior flexibilidade de trabalho, optamos por empregar o vídeo documentário na assimilação de nosso ponto de vista. Utilizar esse gênero no tentame de mobilização social nos garante a prerrogativa de abordar uma questão cotidiana com olhar diferenciado.

## **1.2. O homem e a necessidade de se comunicar**

A Comunicação é a mais primitiva das necessidades do homem. Gestos, sinais, sons, símbolos, códigos (o alfabeto), e a escrita por sua vez, são evidências dessa tentativa humana de expressão, onde o entender é de fato o mais importante.

Dentro deste contexto, o homem trabalhou de forma incansável e rompeu um de seus maiores obstáculos, conseguindo emitir mensagens a ponto de ser compreendido entre os de sua espécie. Inicialmente demarcou territórios e com o passar do tempo esses passaram a não existir. Sim! Nesse processo, a comunicação foi seu maior trunfo, porque possibilitou a interação entre povos e

facilitou aquilo que a história costuma registrar como evolução da raça: a produção do conhecimento.

Assim, em nome daquilo que acreditaram ser um avanço em sua existência, homens se uniram, passando a criar mecanismos que os possibilitassem expandir suas idéias. Essa busca os levou do registro em cavernas para o registro documentado com a origem do papel, forma essa aprimorada do papiro para celulose e que sobrevive até os dias de hoje (Costella, 2002).

Prosseguindo na linha do tempo, podemos observar que mesmo com o “progresso” do papel, o homem ainda dispunha de escassos recursos no registro e produção de suas memórias; guiado, então, pelo emergente desejo de fazê-los de maneira mais segura, quantitativa e veloz, o homem se permitiu ser substituído pela máquina e na era da produção industrial a área da comunicação ganhou a tipografia.

De fato, a criação de Gutenberg<sup>2</sup> impactou a época de tal forma que não só mudou, mas também gravou os rumos da história. Com o passar do tempo, esses registros não se detiveram em palavras, o ato de descrever não era mais suficiente, nosso desejo agora era mostrar sobre o que falávamos. Dessa forma, multiplicamos nossos recursos e passamos a capturar imagens com o surgimento da fotografia; um pouco mais adiante a forma fixa/estática passou a mover-se diante de nós presenteada com som e cor. A televisão, que teve por mãe a fotografia e por pai o rádio, hoje é um dos maiores veículos de comunicação do mundo.

Ainda assim, essa herança genética de tentar romper os limites de tempo e espaço nos levou mais adiante, ao patamar que talvez nem fosse possível acreditar: o mundo, antes dividido em continentes, regressou ao estado de pangeia com o surgimento da internet. Hoje, já não há mais limites na troca de informações, o conhecimento antes guardado em templos e mosteiros está ao alcance de todos ao simples toque na tecla. *Melhor informado, o homem tem mais escolha. Escolha é o alicerce da liberdade. Assim, o mundo deverá tornar-se menos confortável para os ditadores, pois a estabilidade destes depende, principalmente, da ignorância dos dominados* (Costella, 2002).

### 1.3. Jornalismo: uma via de mão dupla

Dado esse passeio na história, não fica difícil compreender o contexto no qual o jornalismo está inserido. Nascido ainda nos tempos do império romano (fontes históricas apontam o ano 59 a.c) com a *Acta Diurna*<sup>3</sup>, radicalmente transformado pela era Gutemberg para promover o livre intercâmbio de idéias, modernizado e multifacetado no presente século, o jornalismo, continuamente aprimorado, diferindo da forma literária como se apresentava no passado, e hoje sob os moldes da

<sup>2</sup>Johannes Gutenberg nasceu na Alemanha, em Mainz, por volta de 1400. Reconhecido pela invenção da tipografia, foi o responsável pela primeira impressão da Bíblia.

<sup>3</sup>Acta Diurna é o título do primeiro jornal conhecido. Sua criação foi uma iniciativa do líder e general romano Júlio César em 59 a.C. tendo como objetivo divulgar os principais acontecimentos do império, através de tábuas fixadas nos muros das principais localidades do Estado.

pirâmide invertida, permanece, em essência, movido pela exposição do cotidiano. Como aponta Guirado (2004), em seu capítulo de abertura, *o acontecimento que contém possibilidade de discurso jornalístico será colocado sob o olhar de todos, será divulgado na imprensa.*

O evento que se mostra reportável pertence ao universo cambiante que abre seu leque de violência às descobertas científicas, passando por todo tipo de interesse humano capaz de gerar piedade, terror, alegria conforto, ou consciência crítica, entre outras sensações ou sentimentos (GUIRADO, 2004, p. 27).

Talvez, seja essa particularidade a grande responsável pelo poder adquirido pelos meios de comunicação, lembrando que o jornalismo carrega a metáfora do 'quarto poder' atrelada a sua reputação. Portanto, o que se percebe, no transcorrer do tempo, é que ligada a tarefa de narrar os fatos diários, está a responsabilidade de levar aos cidadãos a realidade pura desses fatos. Pereira Jr, em *Decidindo o que é notícia*, nos remete a uma pesquisa realizada pela revista *Imprensa* (1997), sobre o aumento da confiabilidade da imprensa perante a sociedade. *Em termos de credibilidade, a imprensa está na frente do Congresso, da polícia, da Justiça e da Igreja Católica* (2003). Isso sintetiza, de forma simples, a confiança que a sociedade deposita no jornalista. Contudo, sua credibilidade não está na quantidade de notícias que produz, e sim nas percepções que constrói e se, de fato, abordam tudo aquilo que afeta os interesses do povo. Hoje, o jornalismo, mais que exercer sua capacidade informativa, alarga gradativamente suas fronteiras: opina, interpreta, interage; pois existe algo mais importante que mostrar, é necessário fazer pensar.

Melo também faz uma observação pertinente ao tratar sobre a posição social que a mídia assume, de acordo com o paradigma anglo-americano, que tem como precursor o sociólogo Robert E. Park. Melo comenta que, conforme análise de Park, *a mídia impressa e posteriormente os meios eletrônicos de comunicação poderiam desempenhar papéis decisivos na transformação de multidões amorfas e apáticas em públicos articulados e ativos, fortalecendo o sistema democrático* (2004). O que Noblat conclui em *A arte de fazer um jornal diário: a democracia depende de cidadãos bem informados* (2002).

Sendo assim, uma vez que a sociedade busca conhecer e entender o meio em que vive, o jornalismo, de antemão, tem a função de fornecer as informações relevantes para a sua compreensão. O indivíduo, ao compreender os fatos expostos pela mídia, é induzido ao questionamento e levado á reflexão sobre a realidade. É através da relação imediata do indivíduo com determinado acontecimento, ou seja, a partir da repercussão tomada, que a imprensa sustenta discussões e propõe a alteração do real.

O jornalismo assume maior representatividade na sociedade na medida em que dá vez e voz as causas coletivas por meio dos discursos midiáticos. Assim,

nossa responsabilidade encontra-se no fazer enxergar aquilo que em determinados momentos a percepção individual não considera, tornando possível a conscientização capaz de gerar mudanças significativas para todos. É com esse pressuposto, que um indivíduo na rua, pedindo esmolas, por exemplo, deixa a condição de mais um caso habitual e penetra em uma conjuntura que estabelece a ponderação como prerrogativa. Dessa forma, o jornalismo é capaz de agir promovendo a intervenção na maneira como o indivíduo percebe a realidade.

A notícia, especificamente, como produto midiático, está para servir a sociedade e não pode ser fornecida de qualquer maneira, não pode confundir, tão pouco omitir. Ela é a expressão da realidade, por mais cruel ou inacreditável que em dado momento possa parecer. Por isso, deve ser construída com cautela, tem de ser pensada, analisada e investigada exaustivamente em seus mínimos detalhes.

De certo, a responsabilidade atribuída a esta atividade profissional é em extremo elevada, pois na medida em que os fatos são tratados e/ou apontados pela mídia, estes por sua vez causam certo impacto no meio social. “Sem querer”, construímos a realidade do mundo diariamente e não o podemos fazer de forma irresponsável. O jornalista, no momento de decidir o que noticiar, tem como expandir seus horizontes mesmo que posteriormente tenha de reduzir sua descoberta aos critérios do *DeadLine*<sup>4</sup>.

Os jornalistas aprendem desde cedo que devem perseguir a verdade a qualquer preço. Mas quando se deparam com uma notícia e são obrigados a servi-la à consideração do distinto público, só então descobrem que a essência de sua missão não é escrever a verdade. Cabe ao jornalista escolher a verdade! Querem responsabilidade maior que essa? (NOBLAT, 2002, p. 38)

Todavia, jornalista não é juiz, não determina as regras de conduta social; não cabe a ele condenar ou inocentar; mesmo que suas matérias aparentemente apontem para uma dessas direções; a decisão final pertence ao público. Mas também não podemos silenciar se enxergarmos acentuadas as mazelas que nos assolam, pois sabemos que nosso papel em servir a sociedade está em contribuir para melhorias da vida em comum. *A imprensa só pode avançar politicamente se o povo também evoluir intelectualmente* (Melo, 2004).

#### 1.4. O documentário

É com essa perspectiva que surge “Os Excluídos da Margem”. Conscientes da significativa parcela de contribuição que podemos exercer por meio do

---

<sup>4</sup>DeadLine é um termo próprio do jornalismo que indica o prazo limite para conclusão dos trabalhos de redação. Em outras palavras, o Dead-Line pode ser definido como o prazo máximo e final para publicação de matérias a serem incluídas no jornal.

jornalismo, esse trabalho tem o intuito de fazer um alerta quanto ao déficit de conscientização coletiva daqueles que aprendem a ver o ato de pedir esmolas como algo tão comum quanto à necessidade de se alimentar. São os mesmos que assimilam a miséria como um problema do governo e sua colaboração como parte de um todo nem chega a ser cogitada.

Na tarefa a que nos propomos apresentar, buscamos um diálogo com o público, promovendo assim a reflexão sobre a desigualdade social. Escolhemos então retratar o dia-a-dia de mendigos em Campina Grande, cidade localizada no agreste paraibano, para representar o tema que, por sua vez, possui dimensões além das descritas aqui.

A origem do trabalho se deu com a disciplina de estágio supervisionado III, por meio da sugestão da professora responsável pela matéria naquela época. A idéia era retratar o cotidiano de pessoas que vivem sob circunstâncias de marginalidade. A partir daí as cinco equipes escaladas desenharam suas pautas definindo qual grupo social iriam descrever.

A princípio, foram nomeados os que vivem em regime de reclusão, os profissionais do sexo, os que apresentam quadro clínico de distúrbio mental, e os portadores de necessidades especiais. Na ocasião, percebemos que os moradores de rua ficaram fora da seleção de estudo, constituindo a idéia de que até entre os grupos marginalizados os mendigos são esquecidos. Por este motivo, criamos e batizamos o roteiro de Os Excluídos da Margem<sup>5</sup>.

Sabendo da força que a imagem possui, decidimos fazer nossos registros em vídeo, os quais seguiram todas as etapas normais de uma produção midiática. Roteiro foi a delimitação da idéia pela qual decidimos o quê e como fazer.

Logo, o início do vídeo apresenta duas perspectivas diárias da vida: a nossa (esbarrando com pessoas de forma igualitária, vendo-as por inteiro) e a dos “mendigos” (esbarrando nos pés das pessoas e contemplando ao horizonte apenas as calçadas). Em seguida, apresentamos a primeira problemática: ajudar ou não? E a quem atribuir essa responsabilidade?

Entre opiniões e ações pessoais ou institucionais (temos algumas ao longo do vídeo), uma, em especial, destacamos: o choque utópico entre o discurso governamental e a realidade vivida do país. O então Ministro da Cultura Gilberto Gil apresenta, em seu projeto de governo, uma série de melhorias culturais a serem aplicadas, principalmente em áreas *mais fragilizadas em termos econômicos, sociais e educacionais*. Ironicamente, esse discurso é apresentado à dona Maria Helena da Silva e Souza (ver anexo I), uma entre milhões de brasileiros que se enquadram no perfil de pessoas a serem alcançadas por esse plano. O resto? Cremos que a seqüência das imagens dispensa maiores comentários!

---

<sup>5</sup>Mesmo com as imagens documentadas, apresentamos esse trabalho para a disciplina Estágio Supervisionado III, apenas de forma impressa. Retomamos agora o projeto, editando então as imagens e acrescentando a elas as reflexões bibliográficas já apresentadas e informações atualizadas.

Mas o espírito melancólico não é o que prevalece; a nossa exceção é apresentada por meio da história das irmãs Barbosa (ver anexo II)– nacionalmente conhecidas como as ceguinhas de Campina Grande. Maroca, Poroca e Indaiá, cegas de nascença, passaram a maior parte de suas vidas ganhando sustento nas ruas e só largaram as calçadas em virtude da mudança de vida que lhes foi proporcionada após terem protagonizado o documentário “A pessoa é para o que nasce”, que retrata sua história. Cabe lembrar que não foi um motivo qualquer que as projetou na telona; o talento artístico das irmãs, de compor cantigas populares e interpretá-las ao som do Ganzá<sup>6</sup>, foi reconhecido e apresentado ao Brasil e ao mundo por Roberto Berliner– diretor do documentário.

Ao final, divergentes opiniões e o nosso diálogo direto com o espectador (na tentativa de provocar o senso crítico) emergem na tela. Há também uma breve ponte entre passado (o período em que as imagens foram coletadas) e presente, mostrando o que de concreto aconteceu na cidade nesse período. O problema discutido aqui não se restringe ao dar ou não esmolas, muito menos a “poluição visual” da cidade, o que pretendemos é mostrar como certos fatos tão próximos são simplesmente ignorados.

## **2. Etapas de elaboração do projeto**

A mesma forma de construção da notícia que conhecemos, partindo do roteiro, permeando a busca dos dados, construção textual, coletadas imagens, e finalizando com a edição do material foi aplicada para realização deste trabalho. Para sua efetivação, contamos com auxílio dos equipamentos (câmera filmadora e gravador) fornecidos pela UEPB, por meio do Departamento de Comunicação – Decom, que também nos concedeu o espaço e os aparatos necessários para a gravação do *off*. Já a edição das imagens foi feita por um profissional da área que se dispôs a nos ajudar. A nós ainda coube dirigir mais essa etapa e concretizar o casamento das imagens com o texto.

Em um primeiro momento, foi necessário localizar os principais pontos de Campina Grande–Paraíba, onde a concentração de moradores de rua é mais notória. Embora este problema se alastre pela cidade, o agrupamento existe em maiores proporções no centro do município. As principais ruas e avenidas da urbe foram o palco dos nossos registros, a exemplo da Maciel Pinheiro e Floriano Peixoto, respectivamente.

Na coleta dos depoimentos, ao contrário do que parecia ser, poder conversar com essas pessoas, extrair cada história de vida em suas particularidades não foi um obstáculo, visto que, em sua fragilidade, o fato de receber um minuto de atenção, falar com alguém, torna-se um instante significativo em suas vidas. Inicialmente surpresos, é verdade, não se deixaram levar pela timidez ou sequer desconfiança, expuseram cada detalhe do seu cotidiano. O tom melancólico dos

---

<sup>6</sup>Chocalho feito de um cilindro de metal que contém pedras ou sementes.

discursos, concomitantemente, expressa a esperança de que um dia tal realidade mude.

Com as chamadas fontes oficiais como o SEMAS (Secretaria Municipal de Assistência Social), percebemos que em muitos aspectos o problema, mesmo quando diagnosticado, acaba esbarrando no freio da burocracia (principalmente em períodos de disputa política). Obviamente, em se tratando de administração pública, é essencial esclarecer como o dinheiro do povo está sendo utilizado. Mas, o intrigante é que esse detalhe serve até mesmo como desculpa para a permanente situação: tudo se resume em “falta de verbas”.

Entressacho, há espaços que não pertencem à esfera pública, onde a boa vontade é capaz de superar qualquer obstáculo, mais que um socorro, na Casa da Acolhida São Paulo da Cruz, por exemplo. Na instituição, que está vinculada à igreja católica, é dada a essas pessoas a oportunidade de recuperar a dignidade por meio do trabalho, o que seria impossível se as mesmas permanecessem entregues a própria sorte. Esse é o tipo de lugar que jamais teríamos conhecido se não fosse esse trabalho de investigação no qual o jornalismo está incumbido.

Na elaboração da temática, percebemos que a maioria dos transeuntes não tem uma opinião concreta sobre tal fato, às opiniões se dividem e muitas vezes se restringem apenas à atitude de distribuir esmolas. As pessoas, em muitos casos, vêem essa ação solidária como oportunismo dos mendicantes, não percebendo o problema numa conjuntura mais extensa. A ausência de políticas públicas nesta área e, conseqüente, sua aplicação é de fato objeto de interesse coletivo, daí a nossa responsabilidade em tratar com a questão.

Quanto ao processo de edição do material, esse de fato tornou-se nosso maior desafio, visto que nesta fase a delimitação do conteúdo pode modificar o que em princípio foi determinado. Para não correr esse risco, optamos pela produção de um documentário por permitir ampliar a discussão do tema no tocante ao tempo para exibição, que se comparado a uma vídeo-reportagem seria desproporcional.

Cronologicamente, a tarefa de idealização ecumprimentoda primeira etapa do projetolevou cerca de três semanas para ser concluída, todavia, em virtude de alguns reveses, foi estacionado por tempo indeterminado. Passado, então, o período de quatro anos até a retomada do plano— repensado não apenas para atender a nova proposta para conclusão do curso, mas principalmente no escopo de enfatizar a relevância do objeto em questão —o mesmo passou pela lapidação da edição, no tempo correspondente a 60 dias, atravessou um lance de revisões, até, finalmente, poder ser considerado findo por definitivo. O resultado é o conteúdo que pode ser apreciado em vídeo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Relatar tudo o que fica registrado não apenas nas pesquisas, filmagens e gravações, mas também na memória, torna essa experiência única – não contamos apenas história, mesmo fazendo registro dela – em virtude de ser esta a fase de gestação do trabalho, pois somamos todo o material coletado e moldamos com a nossa percepção de mundo. Saber que podemos usar esse olhar diferenciado é algo que dá mais liberdade e originalidade ao tratamento das informações, e isso é absolutamente prazeroso.

Quem nos dera fosse possível agir da mesma forma fora do campus, isso já nos deixa com saudades, pois sabemos que o que nos aguarda do outro lado do muro difere em alguns aspectos aqui de dentro. Certamente, seremos moldados pelos padrões determinados pelo mercado e que em dados momentos teremos de renunciar o “eu-jornalista” em prol da chamada linha editorial.

Desanimador? Talvez! Acreditamos que essa barreira pode ser vencida através daquele elemento básica formação de todo e qualquer indivíduo: a educação, pois é por meio dela que o cidadão terá mais incentivo a assumir uma atitude mais crítica perante as informações que até ele chega; que não o faça dependente da mídia de forma alheia. Hoje, vemos como a Academia foi fundamental nesse processo.

Não podemos esquecer que há sempre novas possibilidades emergindo em cada amanhecer. Teremos de aprender a contemplar outros horizontes. O jornalismo avançou e se modificou ao longo do tempo, nada é estático, temos de estar preparados para o ainda desconhecido e nos adaptar quando ele enfim chegar; pois de certo, o que a profissão exigirá de cada um é coragem e bom senso.

O “Excluídos da Margem” nos mostrou que há um ciclo infundável dentro das relações de participação no mundo, mas não há como fazer exigências diante daquilo que não se tem consciência. O jornalismo segue então no sentido de desbravar novos direcionamentos, exercitar novos ângulos e lapidar pedras brutas a fim de serem compartilhadas com o mundo.

Se por meio dele podemos influenciar a sociedade positivamente, por que não fazê-lo? Esta é a pergunta que deve estar arraigada em nosso ser, um ponto de reflexão diário, e colocada em prática no exercício da profissão. Deve estar presente e respondida em cada linha das matérias a que venhamos assinar.

Atentas às constantes transformações do que é real, sabemos que o quadro de realidade encontrado quatro anos atrás já não concebe a mesma disposição. Portanto, deixamos a pesquisa em aberto para quem, por ventura, venha a se interessar em desenvolvero tema em sua atualidade.

Por fim, desejamos que este seja o pontapé das discussões surgidas em avaria de assuntos tão complexos quanto ao já deparado e sirva de herança e inspiração aos que nos sucederem nessa trajetória.

## REFERÊNCIAS

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.

BONFIM, João Bosco Bezerra. **A fome que não sai no jornal: o discurso da mídia sobre a fome**. Brasília: Plano, 2002.

COSTELLA, Antônio F. **Comunicação: do grito ao satélite**. 5. Ed. – Campos do Jordão–SP: Mantiqueira, 2002.

FORTES, Leandro. **Jornalismo investigativo**. São Paulo: Contexto, 2005.

GUIRADO, Maria Cecília. **Reportagem: a arte da investigação**. São Paulo: Arte e Ciência, 2004.

LUSTOSA, Isabel. **O nascimento da imprensa brasileira**. 2. Ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

MELO, José Marques de. **A esfinge midiática**. São Paulo: Paulus, 2004.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Trad. Mônica Saddy Martins. – Campinas, São Paulo: Papirus, 2005.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. 7. Ed. – São Paulo: Contexto, 2008.

OLIVEIRA, Ana Paula; CARMO-ROLDÃO, Ivete; BAZI, Rogério Eduardo. **Documentário e video-reportagem: uma contribuição ao ensino de telejornalismo**. Disponível em: [http://www.fnpi.org.br/downloads/ana-ivete-rogerio\(document\)%5B2006%5D.pdf](http://www.fnpi.org.br/downloads/ana-ivete-rogerio(document)%5B2006%5D.pdf) Acesso em: 27 de Nov. 2011.

PEREIRA JR, Alfredo Eurico Vizeu. **Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo**. 3. Ed. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... o que é mesmo documentário?** São Paulo: Senac São Paulo, 2008.

Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Document%C3%A1rio> Acesso em: 28 de Nov. 2011

## **ANEXOS**



ANEXO I



ANEXO II

ANEXO III - Participantes da enquete



Humberto Sales



Fábio Chagas



Rodrigo Apolinário



Magliana Rodrigues

ENQUETE IV - Pedintes nas ruas de Campina Grande - PB

